

VARIAÇÃO LEXICAL EM TOMÉ-AÇU/PA: CAMINHOS ENTRE O PORTUGUÊS E O JAPONÊS

LEXICAL VARIATION IN TOMÉ-AÇU/PA: WAYS BETWEEN PORTUGUESE AND JAPANESE

Anazete de Sousa Pompeu 1
Carlene Ferreira Nunes Salvador 2

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar a descrição de itens lexicais em português e seus correlatos em japonês e rōmaji a partir da variedade linguística dos descendentes nipônicos que moram no município de Tomé-Açu/PA. Nesse sentido, o referencial teórico adotado baseia-se em Labov (1964), Biderman (1998) e Tarallo (2002). A metodologia usada, de cunho bibliográfico e pesquisa de campo, conforme indicam Lakatos e Marconi (2010), inclui a aplicação de um questionário via Google Forms e entrevista semiestruturada, realizada com quatro colaboradores residentes no município de Tomé-Açu/PA. Após coleta dos itens lexicais, as respostas foram organizadas a partir do registro em português, a sua forma correlata em japonês, as variantes, quando ocorreram, e o ideograma correspondente. Após organizado, os resultados mostram 121 itens lexicais, tais como: casa: ie, televisão: terebi, tesoura: hasami, luz: hikari. A análise indica que alguns dos itens lexicais observados não são compartilhados nas duas culturas.

Palavras-chave: Variação Lexical. Língua Japonesa. Tomé-Açu/PA.

Abstract: This article aims to survey and describe lexical items in Portuguese and their correlates in Japanese from the linguistic variety of Japanese and Rōmaji descendants who live in the city of Tomé-Açu/PA. In this sense, the theoretical framework adopted is based on Labov (1964), Biderman (1998) and Tarallo (2002). The methodology used, of a bibliographic nature and field research as indicated by Lakatos and Marconi (2010), includes the application of a questionnaire via Google Forms and a semi-structured interview organized from 126 questions from the Phonetic-Phonological Questionnaire - QFF indicated by the Linguistic Atlas Project of Brasil - ALiB (CARDOSO et al, 2014), carried out with four employees residing in the city of Tomé-Açu/PA. After collecting the lexical items, the responses were organized semasiologically from the register in Portuguese, its correlate in Japanese, the variants, when they occurred and the corresponding ideogram. Once organized, the results show 121 lexical items, such as: house: ie, television: terebi, scissors: hasami, light: hikari. The analysis indicates that some of the lexical items observed are not shared in the two cultures.

Keywords: Lexical variation. Japanese language. Tomé-Açu/PA.

1 Graduada em Letras Português (pela UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9252178689938236> . E-mail: anazetepompeu@gmail.com

2 Doutora em Letras Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Letras Estudos Linguísticos e graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA/TOMÉ-AÇU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0221348031478049>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9403-1227>. E-mail: carlene.salvador@ufra.edu.br

Introdução

A variedade linguística presente no município de Tomé-Açu/PA embasa a investigação proposta neste estudo. A partir da colonização japonesa ocorrida no final da década de 1920, o objetivo central desta pesquisa consistiu em realizar o levantamento de itens lexicais em português e seus correspondentes em japonês e *Rōmaji*, a escrita romanizada japonesa.

Nesse contexto, Tomé-Açu, município localizado na região Nordeste do Pará, tem uma população estimada de 213.317.639 habitantes segundo o último Censo (IBGE, 2022). Além dos seus primeiros habitantes, os índios Tembé, outros imigrantes colaboraram para a formação do povo tomé-açuense, a saber: japoneses, cametaenses, cearenses, maranhenses e outros. Na história de Tomé-Açu/PA, o imigrante japonês tem participação relevante tanto no que diz respeito ao desenvolvimento cultural quanto em nível socioeconômico, sendo a cidade considerada o maior produtor mundial da pimenta-do-reino, chegando a contabilizar cinco mil toneladas colhidas por ano do produto. Além da pimenta, os imigrantes nipônicos passaram a cultivar outras culturas tropicais, como o açaí que ficou conhecido como “ouro negro”, e outras frutas no município, como a pitaya, como informa o sítio eletrônico da prefeitura¹.

Por conta do intenso processo migratório que a cidade sofreu no início da década de 1920, Tomé-Açu representa, atualmente, a terceira maior colônia japonesa no Brasil sendo superada apenas pelas comunidades japonesas presentes nos municípios de São Paulo e Curitiba. Como consequência dessa migração, a cultura e como não poderia deixar de ser, a variedade linguística falada nesse território apresentam particularidades decorrentes do contato entre as línguas japonesa e portuguesa.

Nesses termos, o problema norteador da pesquisa reside em verificar se a variedade linguística de falantes da 2ª, 3ª e 4ª geração do município supramencionado apresenta interferência mútua do português e do japonês em nível lexical. Assim, situado no âmbito dos estudos lexicais conforme Biderman (1998) e Barbosa (2009), esta investigação visou realizar o levantamento de itens lexicais previamente selecionados, com vistas a registrar em uma lista vocabular, a variação linguística existente na fala de quatro colaboradores de descendência nipônica, naturais de Tomé-Açu e estratificados de acordo com o sexo, a idade e a geração a que pertencem.

Para a realização desta tarefa, optou-se pelo tipo de pesquisa exploratória acompanhada de um estudo de campo em que o percurso traçado contempla dois momentos diferentes e complementares. No primeiro deles, aplicação de questionário via *Google Forms*, e no segundo, aplicação presencial do Questionário Fonético-Fonológico – QFF disponível no sítio do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* – (ALIB) (CARDOSO *et al*, 2014).

Tendo em vista a organização do texto, este artigo está estruturado em seções. Iniciamos com a Introdução. Na primeira seção, apresentamos os estudos do léxico. Na segunda, tratamos sobre variação linguística, variação lexical e registro do léxico. Na terceira, a Metodologia. Na quarta, a apresentação dos resultados. Na quinta, apresentamos o vocabulário. Encerramos com as considerações finais, as referências e os anexos.

Os estudos do léxico

Conhecer o léxico de uma língua é conhecer os pormenores dessa língua, a sua cultura e as demais instâncias que circundam a vida humana. A partir dos itens lexicais, o homem consegue significar o mundo, as suas emoções e particularidades. Por meio do léxico é possível entender o universo que nos cerca, além de recuperar informações de ordem histórico-social.

De acordo com Krieger e Finatto (2004), a Lexicologia, ciência responsável pelo estudo do léxico das línguas em geral, seja do ponto de vista do significado, seja do significante, representa um saber antigo. Uma tradição iniciada com os gregos e latinos, tornando-se a primeira área a investigar a elaboração de listas que eram produzidas para oferecer significados prontos e acabados. Porém, é apenas no início século XX que esse campo investigativo se firma propriamente. Assim, o objeto de

1 Para maiores informações acesse: <https://www.prefeituratomeacu.pa.gov.br/hist%C3%B3ria>.

análise da Lexicologia é a palavra², em todas as suas perspectivas.

Como objeto de análise, o léxico de uma língua está inserido na primeira articulação da linguagem (MARTINET, 1964) e considera as faces do significado e do significante. Seu estudo favorece o conhecimento de aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e históricos. Nesse sentido, a Lexicologia estabelece uma interface com a Morfologia, a Etimologia e sobretudo, a Semântica.

Sobre o léxico, Rey-Debove (1984, p. 50) assegura “o léxico é o conjunto das palavras de uma língua”. Sobre essa mesma definição, Biderman (1998) realça o fato de o léxico de uma língua constituir uma “forma de representar o conhecimento do universo”. Por conta dessa faceta, o léxico de uma língua natural apresenta diferentes configurações de apresentação. Ou seja, ele pode se materializar por meio de palavras simples e monossílabas, como em *céu, sol, flor*, palavras abstratas como *saudade, amor e fé*, palavras compostas *guarda-chuva, rádio-relógio*, assim como por expressões “a esperança é a última que morre” ou “Deus ajuda quem cedo madruga”.

Do ponto de vista gramatical, o léxico para Villalva e Silvestre (2014)

[...] pode ser visto como o lugar onde reside toda a informação que não é derivável, todas as propriedades idiossincráticas das línguas. É nesse papel que o léxico se distingue da sintaxe, da semântica e da fonologia, módulos que se encarregam da mecânica e da interpretação de enunciados frásicos, formados a partir da matéria-prima lexical, mas também se distingue da morfologia, a quem cabe a estruturação das palavras, igualmente formadas a partir de matéria-prima lexical (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 28).

Além da característica globalizante que circunda a noção de léxico, os seres humanos vêm sistematicamente, desde o início dos tempos, tentando registrar as palavras de cada tempo histórico. Isso explica a variedade de estudos de cunho diacrônico, os quais visam entender como as palavras surgem, se modificam e caem no ostracismo. Da mesma maneira, busca-se entender como muitas delas são revisitadas e ressignificadas conforme os propósitos de cada falante. Ademais, a técnica de compilar em dicionários o léxico de uma determinada língua é uma tarefa laboriosa e demorada.

Quando comunidades de diferentes origens passam a conviver, o léxico de ambos os idiomas sofre as pressões de uso e no jogo dos empréstimos e da solidariedade semântica eles se modificam e podem inclusive, aumentar, expandir (COUTO, 2009).

Assim, a chegada dos imigrantes japoneses ao município de Tomé-Açu/PA trouxe com ela a variedade de uma língua com particularidades culturais diferentes do português aqui utilizado. Por estar suscetível à mudança, o léxico falado pelas pessoas dessa localidade, mais especificamente os imigrantes e seus descendentes, assimilam a maneira de falar dos nativos e vice-versa.

No contexto da situação linguística observada na cidade de Tomé-Açu, onde o processo de imigração japonesa se deu de forma intensa no início do século passado, observe-se as palavras de Alves (1994) quando a autora afirma que

O léxico de um idioma não se amplia somente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas se refletem em novas criações lexicais chamadas de neologismos, que se transformam em um tipo de desenvolvimento lexical de uma língua. O que equivale a dizer que o léxico é um sistema aberto, em contínua expansão, ao contrário da gramática (ALVES, 1994, p. 72).

Por tratar-se de um sistema aberto, o léxico de uma língua fica suscetível a variação

² A despeito da discussão em torno do conceito de palavras e devido ao seu conceito incontornável (DI SCIULLO; WILLIAMS, 1987), usaremos esse vocábulo como sinônimo de lexema, item lexical etc.

linguística, principalmente quando há o contato recorrente entre duas línguas, tal como ocorre em Tomé-Açu/PA onde os moradores nativos e que falam português, a língua oficial, convivem com alguns moradores que usam o japonês, sua língua natural. Nesse cenário, a próxima seção apresenta algumas considerações acerca da variação linguística e de como ela implica na variedade dialetal observada na fala de alguns moradores dessa localidade, sobretudo os imigrantes japoneses que são das 2ª, 3ª e 4ª geração.

Variação linguística

As línguas naturais sofrem variação, a qual é observável em diferentes níveis. São alterações de ordem fonética, morfológica, sintática, semântica, e, por conta da dinâmica de uso, também de ordem lexical. Além disso, a variação se manifesta por meio das ramificações da língua, as quais se diferenciam da norma-padrão em razão de fatores como: convenções sociais, momento histórico, contexto ou região.

Cabe à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) estudar como as pressões sociais impactam as línguas em geral. Nesse sentido, esse campo de estudo se ocupa de observar como se dá a divisão da sociedade em grupos linguísticos, além de verificar como fatores externos à língua, tais como cultura, costumes, idade, sexo, distribuição geográfica, atuam para que diferentes formas de expressões de uma mesma língua ocorram.

Em sua Teoria da variação linguística, Labov (1964) define variação como

[...] heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida, considerando a heterogeneidade como inerente à língua. Então a variação está por todo elemento, pelo fato de nos fazer parte de uma sociedade e viver em um planeta com grande variedade de línguas e culturas, encontraremos vocabulários diferentes dependendo da localidade (LABOV, 2008, p. 54).

Com base no excerto, ao apresentar sua visão heterogênea de língua, Labov (2008) além de abandonar a concepção estruturalista estabelecida por Saussure (1916), *traz à baila* dos estudos da linguagem a variação como fenômeno decorrente das interações sociais, do contato entre os indivíduos de uma comunidade. Esse indivíduo por sua vez, apresenta características particulares como idade, sexo, nível de escolaridade, procedência geográfica, dentre outras, que vão implicar na sua forma de falar.

A esse respeito, o estudioso explica que a variação acontece nos meandros da sociedade, como elemento coletivo, mas é percebida por meio das manifestações individuais, de estratos de grupos sociais e ressalta que não há falantes com um estilo único, todos apresentam variação em nível fonológico e sintático. Assim, ele introduz também o conceito de variante linguística.

Sobre o conceito de variante linguística, Tarallo (2002) explica que

[...] variantes são as formas individuais que “concorrem” em uma variável. E elas costumam receber valores distintos pelas comunidades e estão em relação de coocorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. Inovadoras: de prestígio vs. Estigmatizadas. E elas em ordem determinam uma ou mais variáveis independentes de natureza linguística (fonético-fonológico, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico-pragmática) ou extralinguística (geográfico, socioeconômico, grau de escolaridade, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais). Ou seja, “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2002, p. 8).

Nesse âmbito, Ilari e Basso (2006) explicam que as diferentes maneiras de falar de uma mesma comunidade são chamadas de variedade linguística. Por sua vez, a variação linguística ocorre a partir de quatro grupos: sociais (diastráticas), históricas (diacrônicas), estilísticas (diafásicas) e regionais (diatópicas)

A variação conforme Ilari e Basso (2006) em nível diastrático considera os fatores sociais: sexo, faixa etária, nível de escolaridade, nível econômico. A variação histórica acontece em razão de diferentes períodos de manifestação da língua. Já a variação estilística evidencia as diferentes adaptações que o falante faz de acordo com a situação de comunicação. Por fim, a variação diatópica está associada a diferenças linguísticas que surgem de acordo com a distribuição geográfica do falante. Nesta última, verificamos, por exemplo, os padrões lexicais.

A variação lexical ocorre quando uma mesma realidade é designada por vocabulários diferentes. Neste sentido, assim como salienta Tarallo (2002), a variação lexical materializa o fato de uma variante substituir determinada palavra em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade.

Biderman (1998) atribui ao falante parcela considerável na criação e manutenção do léxico, nas palavras da autora

[...] embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua os falantes aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua”. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico (BIDERMAN, 1998, p. 179).

De acordo com a autora, os conhecimentos mobilizados pelos falantes no uso dessa categoria linguística realçam o fato de as diferentes comunidades linguísticas acionarem diferentes itens lexicais para referenciar um mesmo significante. Desta forma, Barros *et al.* (1996, p. 480) definem a variação lexical como o “uso de palavras diferentes por diferentes comunidades para designar os mesmos conceitos”.

Partindo do princípio de que diferentes signos são usados para nomear o mesmo fenômeno, observa-se entre uma parcela de moradores de Tomé-Açu/PA uma variedade de língua com características sinalizadoras do processo de contato linguístico. Esse processo envolve principalmente a língua portuguesa e a língua japonesa em contexto de uso cotidiano. Trata-se de falantes que usam tanto o português quanto itens lexicais do japonês e uma terceira forma, híbrida (português/japonês), oriunda do contato entre esses povos.

Couto (2009) analisa que o processo de contato linguístico conduz a eleição de uma língua oficial, no caso o português, também considerada língua majoritária, e uma língua minoritária, representada aqui pelo idioma japonês. Por conta da hegemonia estabelecida pela língua oficial, a variedade japonesa fica mais restrita ao uso familiar e entre os falantes da própria colônia. Todavia, os imigrantes mais familiarizados com o idioma português, acabam produzindo uma variante intermediária com adaptações que ajudam a compreensão nas duas línguas. Assim, nos exemplos *casa: ie, televisão: terebi, tesoura: hasami, luz: hikari*, a relação de adequação ocorre de um para um, porém, em vocábulos como arroz, além de seu correlato japonês *okome*, verificam-se as variantes: *kome* e *gohan*.

Uma das faces aplicada dos estudos lexicais abrange a compilação de dados em repertórios lexicais, que em primeira instância servem como abrigo para as palavras de uma língua. Uma vez listada em um vocabulário, dicionário, glossário ou enciclopédia, a palavra ganha o *status* de institucionalizada e pode descansar para ser acionada em diferentes épocas, por diferentes falantes, em diferentes contextos de uso. Assim, além de tratar dos conceitos que contornam a palavra e a sua constituição, os estudos de base lexicológica podem ser registrados pela sua vertente prática,

a lexicografia.

Nesse contexto, a técnica de agrupar vocábulos em listas constitui um fazer antigo e remonta aos gregos e latinos, uma vez que a preocupação em documentar as palavras de uma língua sempre existiu.

Sobre a finalidade de uma obra lexicográfica, Biderman (1998) relata que

[..] a finalidade da obra lexicográfica é, na percepção do usuário, a de, simplesmente, dirimir dúvidas”. Sob essa ótica, o objetivo de um compêndio lexicográfico reside no fato de auxiliar os falantes nativos de uma língua e consulentes estrangeiros com suas dificuldades de ortografia, de categorização gramatical, além de prestar esclarecimentos sobre o significado e o uso de uma palavra pouco utilizada, incluindo algumas informações etimológicas (BIDERMAN, 1998, p. 44).

Considerando o ponto de vista da autora em relação ao objetivo das obras lexicográficas, neste estudo, o foco da investigação reside no objetivo de listar palavras em português e japonês, além de apresentar as variantes que ocorrerem, organizadas em um vocabulário semi ilustrado da variação linguística no município de Tomé-Açu/PA.

Da mesma maneira que o fenômeno acima reportado, existem outros itens lexicais que apresentam variantes. Sobre a coleta dessas variantes e seu registro, trata a próxima seção.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos as etapas empreendidas para a constituição da amostra considerada no presente artigo.

A pesquisa bibliográfica, inerente a qualquer estudo científico constituiu a primeira etapa do trabalho. Para Gil (2017) essa atividade permite ao pesquisador conhecer mais sobre o seu objeto e sobre a temática escolhida. Nessa fase, foram selecionados os textos que serviram de base para a explanação realizada na seção anterior e a descrição dos aspectos relacionados ao *lôcus* da pesquisa.

No que tange ao *lôcus* da pesquisa, Tomé-Açu está localizado na região Nordeste do Pará e possui cerca de 213.317.639 habitantes segundo o último Censo (IBGE, 2022). Os primeiros habitantes da região foram os indígenas da etnia Tembé. Mais tarde, vieram os imigrantes japoneses, cametaenses, cearenses, maranhenses, dentre outros. A Figura 1 mostra uma panorâmica do centro da cidade.

Figura 1. Imagem panorâmica do município de Tomé-Açu, NE/PA.



Fonte: www.googleimagens/tomeacupanoramica. Acesso em: 04 jan. 2022.

O imigrante japonês tem participação significativa na história de Tomé-Açu/PA. Essa contribuição acontece tanto no desenvolvimento cultural quanto socioeconômico do município. A chegada dos japoneses favoreceu as condições econômicas do município e o elevaram a condição de maior produtor mundial de pimenta-do-reino, chegando a produzir cinco mil toneladas desse produto por ano, além do cultivo de outras culturas tropicais, como o açaí que ficou conhecido como “ouro negro”, e outras frutas no município segundo o *site* da Prefeitura Municipal³.

A segunda etapa da pesquisa diz respeito às decisões metodológicas traçadas para a composição da amostra. Além da escolha do *locus* foi traçado o perfil dos colaboradores da pesquisa, a seleção das perguntas que viabilizariam registrar variantes lexicais entre as línguas portuguesa e japonesa.

Assim, o passo inicial foi estabelecer contato com os possíveis colaboradores, os quais necessariamente deveriam ser japoneses, falar em português e japonês e escrever em *Rōmaji*⁴, por conta do fenômeno que se pretendia investigar. Após conversas presenciais e contanto via aplicativo *WhatsApp* e longas conversas explicativas, os colaboradores aceitaram participar deste estudo. Em vista do perfil selecionado, a amostra ficou composta como disposta no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil do colaborador.

Sexo	Idade	Geração
H	50	3
M	40	3
M	16	4
M	43	2

Fonte: Elaboração das autoras.

Conforme destacado no Quadro 1, a amostra foi extraída da fala de quatro colaboradores naturais de Tomé-Açu/PA, filhos de japoneses. Sendo 1 homem de 50 anos da 3ª geração e três mulheres com idades de 16, 40 e 43 anos, pertencentes a 2ª, 3ª e 4ª geração. A esses colaboradores foi solicitado inicialmente que fizessem o preenchimento da ficha do informante disponível em formulário *Google Forms* elaborado para este fim. No entanto, eles tiveram muita dificuldade em acessar e preencher o documento, por conta disso, a coleta foi direcionada presencialmente.

Para que a coleta dos itens lexicais fosse direcionada, optou-se por utilizar o Questionário Fonético-Fonológico – QFF, o mesmo utilizado pelos pesquisadores do Atlas Linguístico do Brasil – ALIB (CARDOSO *et al*, 2014), já que este questionário apresenta uma lista de palavras diversas que serviriam à composição das entradas do vocabulário. Assim, a partir do QFF cada colaborador respondeu a 121 questões. As respostas foram gravadas em áudios e armazenadas em celular marca/modelo Motorola G10. Também foram usadas fotocópias para que cada participante pudesse escrever a resposta dada em português, japonês e a sua variante, caso houvesse.

A segunda dificuldade encontrada ocorreu em relação a grafia das palavras na língua japonesa, pois a maioria dos colaboradores não escreve, apenas fala o idioma. Apesar do entrave inicial, aos poucos, cada um deles conseguiu apresentar a escrita solicitada. Após a coleta, os dados foram organizados em uma lista.

Na próxima seção, apresentamos o resultado compilado dos dados analisados.

Apresentação dos resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados alcançados neste estudo. Para isso, cabe salientar que o sistema da língua japonesa se caracteriza pelo número reduzido de fonemas. Do ponto de vista da escrita, a língua japonesa pode ser grafada por meio de três variedades de símbolos gráficos (letras): *Kanji* (ideograma) e duas variedades de *Kana* (fonograma), podendo estes aparecer mesclados em uma única oração, obedecendo assim a norma de emprego de cada um.

³ <https://www.prefeituratomeacu.pa.gov.br/hist%C3%B3ria>.

⁴ Sistema de transcrição fonética convencionalmente usado na escrita do japonês para o alfabeto latino.

No Quadro 2, apresentamos uma amostra composta por 43 dos 121 itens lexicais obtidos a partir das respostas dos 4 colaboradores. As respostas fornecidas em *Rōmaji* estão organizadas seguindo a classificação de Colaboradora 1, Colaboradora 2, Colaboradora 3 e Colaborador 4. As células não preenchidas indicam que o colaborador não sabia o item correspondente no sistema de escrita *Rōmaji*.

Quadro 2. Amostra *Rōmaji*.

Nº	Item léxico	Colaboradora 1	Colaboradora 2	Colaboradora 3	Colaborador 4
01	terreno	<i>tochi</i>	<i>tochi</i>	<i>tochi</i>	<i>hatake</i>
02	luz	<i>hikari</i>	<i>hikare</i>	<i>denki</i>	<i>hikare</i>
03	torneira	<i>suidoo</i>	<i>jaguchi</i>	<i>jaguchi</i>	<i>jaguchi</i>
04	arroz	<i>okome</i>	<i>gohan</i>	<i>kome</i>	<i>kome</i>
05	peneira	<i>hurui</i>	<i>ami</i>	<i>ami</i>	<i>hurui</i>
06	colher	<i>saji</i>	<i>supuun</i>	<i>supuun</i>	<i>saji</i>
07	clara	<i>ranpaku</i>	<i>shiromi</i>	<i>shiromi</i>	<i>rampaku</i>
08	abelha	<i>mitsubachi</i>	<i>hachi</i>	<i>Hachi</i>	<i>mitsubachi</i>
09	canoa	<i>Kamu^</i>	<i>Booto</i>	<i>kanuu</i>	<i>Kanuu</i>
10	dia	<i>micchuu</i>	<i>hi</i>	<i>nichi</i>	<i>hi</i>
11	fazenda	<i>noojou</i>	<i>bokujou</i>	<i>bokujou</i>	<i>noojoo</i>
12	calor	<i>atsui</i>	<i>atsui</i>	<i>atsui</i>	<i>kouon</i>
13	tarde	<i>osoi</i>	<i>hiru</i>	<i>hiru</i>	<i>gogo</i>
14	número	<i>suuji</i>	<i>bangou</i>	<i>suuji</i>	<i>suuji</i>
15	placa	<i>kanban</i>	<i>kanban</i>	<i>kanba</i>	<i>nanbanpureto</i>
16	passagem	<i>chiketto</i>	-	<i>kippu</i>	<i>kippu</i>
17	muito	<i>totemo</i>	<i>totemo</i>	<i>totemo</i>	<i>ooi</i>
18	deve	<i>zettaini</i>	-	-	<i>jusai</i>
19	emprego	<i>shigoto</i>	<i>shokugyou</i>	<i>shigoto</i>	<i>shigoto</i>
20	início	<i>hajime</i>	<i>saisho</i>	<i>hajime</i>	<i>hajime</i>

21	colegas	<i>dookyuusei</i>	<i>Kusasu meito</i>	<i>tomadachi</i>	<i>nakama</i>
22	giz	<i>chooku</i>	<i>cureyon</i>	-	<i>cho^ku</i>
23	bandeira	<i>buruu</i>	<i>hata</i>	<i>hata</i>	<i>hata</i>
24	soldado	<i>heitai</i>	<i>heishi</i>	<i>heitai</i>	<i>heitai</i>
25	união	<i>danketsu</i>	<i>awaseru</i>	<i>kyouryoku</i>	<i>ketsugo</i>
26	companheiro	<i>nakama</i>	<i>paotonaa</i>	<i>nakama</i>	<i>nakama</i>
27	inocente	<i>muzai</i>	-	-	<i>muzai</i>
28	pecado	<i>tsumi</i>	<i>tsumi</i>	<i>taizai</i>	<i>tsumi</i>
29	perdão	<i>yurushi</i>	-	<i>yurushi</i>	<i>yurushi</i>
30	coroa	<i>kannuri</i>	<i>oukan</i>	<i>ookan</i>	<i>oukan</i>
31	caspa	<i>huke</i>	-	<i>shirami</i>	<i>huke</i>
32	banho	<i>nuuyoku</i>	<i>shawoa</i>	<i>shawawoabiru</i>	<i>Nyruyoku</i>
33	desmaio	<i>kizetsu</i>	<i>kisetsu</i>	<i>memai</i>	<i>shisshin</i>
34	Vômito	<i>taoreru</i>	<i>haku</i>	<i>hakike</i>	<i>outo</i>
35	genro	<i>muko</i>	<i>musuko</i>	<i>Girino musuko</i>	<i>Muko</i>
36	único	<i>dake</i>	-	<i>Hitori musuko</i>	<i>yuitsu</i>
37	alta	<i>takai</i>	<i>takai</i>	<i>Seega takai</i>	<i>Neagari</i>
38	baixa	<i>hikui</i>	<i>hikui</i>	<i>Seega hikui</i>	<i>kubochi</i>
39	doido	<i>hijooshiki</i>	<i>henjin</i>	<i>Atama okashii</i>	<i>Kichiga</i>
40	velho	<i>hurui</i>	-	<i>furui</i>	<i>Furui</i>
41	braguilha	<i>chakku</i>	-	<i>chakku</i>	<i>Chakku</i>
42	sorriso	<i>egao</i>	<i>egao</i>	<i>egao</i>	<i>Hohoemi</i>
43	hóspede	<i>okyakusan</i>	<i>kyaku</i>	<i>Okyakusan</i>	<i>Kyaku</i>

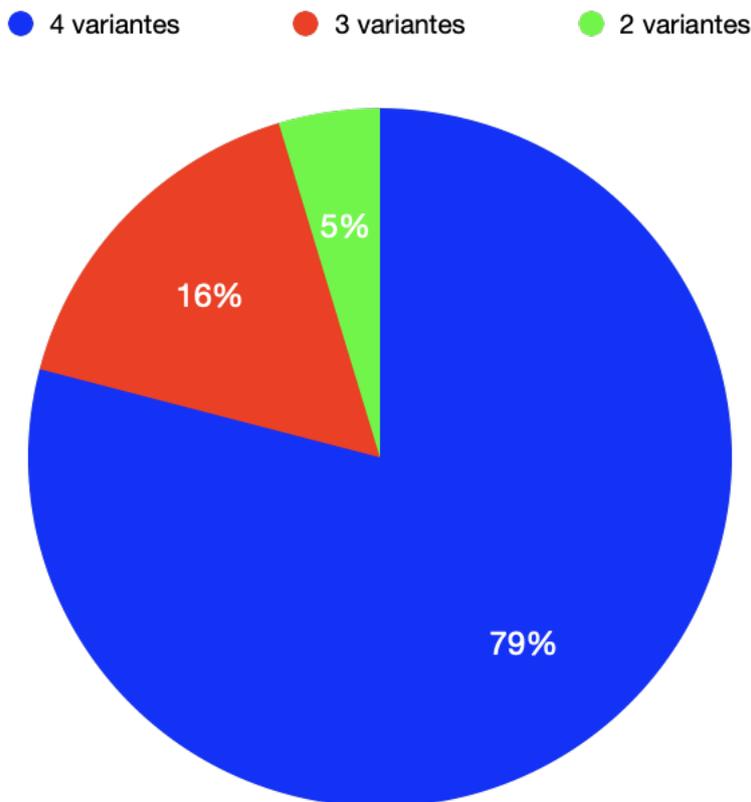
Fonte: Elaboração das autoras.

O Quadro 2 apresenta o esboço da variação verificada na fala de 4 colaboradores do município de Tomé-Açu/PA. No Quadro é possível observar que todos os itens lexicais selecionados a partir

do QFF (CARDOSO et al, 2014) foram respondidos em japonês, mas nem todos os colaboradores souberam indicar suas variantes.

O Gráfico 1 ilustra a relação/quantidade de itens que apresentam variação.

Gráfico 1. Itens variantes.



Fonte: Elaboração das autoras.

Como evidencia o Gráfico 1, em 79% das ocorrências listadas ocorrem quatro variantes, enquanto 16% fornecem ao menos três opções além do registro em português. Da mesma forma, 5% dos registros apresentam duas formas para nomear o mesmo item lexical. Observa-se ainda, a respeito dos colaboradores, que dois deles não responderam a todas as questões no caso das variantes, sendo eles os mais jovens. Durante o momento da coleta, eles justificaram a dificuldade por conta da complexidade da língua japonesa e por já estarem no Brasil há mais de 15 anos.

Os itens lexicais que apresentam maior variação em relação ao *Rōmaji* são:

Quadro 3. Variação lexical em japonês.

colega	<i>dookyuusei</i>	<i>Kusasu meito</i>	<i>tomadachi</i>	<i>nakama</i>
união	<i>danketsu</i>	<i>awaseru</i>	<i>kyouryoku</i>	<i>ketsugo</i>
banho	<i>nuuyoku</i>	<i>shawoa</i>	<i>shawawoabiru</i>	<i>Nyruyoku</i>
desmaio	<i>kizetsu</i>	<i>kisetsu</i>	<i>memai</i>	<i>shisshin</i>
vômito	<i>taoreru</i>	<i>haku</i>	<i>hakike</i>	<i>outo</i>
doido	<i>hijooshiki</i>	<i>henjin</i>	<i>Atama okashii</i>	<i>Kichiga</i>

Fonte: Elaboração das autoras.

Como é possível observar no Quadro 3, os itens *colega*, *união*, *banho*, *desmaio*, *vômito* e *doido* apresentam em seus registros quatro diferentes formas de nomeação na variante *Rōmaji*. É possível observar também que para o item “banho” as variantes “shawoa” e “shawawoabiru” apresentam similaridade na primeira parte da palavra, assim como em *kizetsu* e *kisetsu*, ambas

variantes de “desmaio”, existe apenas uma diferença entre z e s. A quantidade de variantes, neste caso, pode estar associada à origem geográfica de cada um dos colaboradores, no entanto, seriam necessários mais dados para a confirmação dessa assertiva.

No *corpus*, averiguamos a semelhança do item *cano* com a escrita portuguesa, a qual é grafada como *kamu*, *booto*, *kanuu*, *kanuu*, apesar de constituir apenas uma unidade, esse dado pode indicar uma influência mútua entre as línguas em razão do contato linguístico, como salienta Couto (2009).

Em síntese, a variação lexical verificada nos dados analisados ocorre em todos os 121 vocábulos que compõem a amostra coletada. Esse resultado confirma a hipótese de que haveria diversidade denominativa oriunda do contato entre as duas culturas. Embora a língua portuguesa seja a oficial, verificamos que em japonês, sobretudo na esfera gráfica, não há consenso de registro da forma variante.

Considerações Finais

A escolha do tema deste trabalho surgiu a partir da verificação de que no município de Tomé-Açu/PA existe uma das maiores colônias de japoneses no Brasil. A partir dessa constatação, objetivou-se coletar dados para verificar se havia variação lexical na fala de alguns dos entrevistados e em seguida organizar uma lista com o registro da variação linguística.

Em vista do percurso metodológico traçado para a composição da amostra e a elaboração da lista vocabular, entende-se que o objetivo central foi alcançado, embora uma das limitações do estudo tenha sido a dificuldade de encontrar colaboradores que se encaixassem no perfil traçado, dada a singularidade de se saber escrever em japonês. Após ter encontrado os colaboradores, apenas um deles sabia manipular a *Internet* com proficiência, o que não impediu que a coleta fosse realizada e os dados organizados como pretendido.

Nos dados observados, verificou-se que todos os colaboradores ofereceram ao menos uma resposta a cada item, mostrando talvez uma similaridade cultural compartilhada por meio dos itens lexicais que foram investigados.

Por fim, espera-se que mais pesquisas nessa área sejam realizadas a fim de viabilizar o registro de mais unidades e contribuir para a preservação desse tesouro imaterial que é o léxico de qualquer língua.

Referências

BARROS FERREIRA, M. B. *et al.* “Variação linguística: perspectiva dialectológica”. In: FARIA, Isabel Hub *et al.* **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.

CARDOSO, S. A. M. S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

COUTO, H. H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

DI SCIULLO, A. M; WILLIAMS, E. **On the definition of word** (Linguistic Inquiry Monographs 14). Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1987, p. 118.

GOOGLE, **Google Imagens**. Disponível em: Tomé -Açu no Pará - Pesquisa Google. Acesso em 10 set. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos e a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo, Contexto, 2004.

TOMÉ-AÇU, prefeitura municipal de. **História**. Disponível em: <https://www.prefeituratomeacu.pa.gov.br/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 07 set. 2021.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português. São Paulo: Vozes, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno *et al.* São Paulo: Parábola, 2008.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2002.

Recebido em 30 de agosto de 2022.

Aceito em 11 de outubro de 2022.